

## ÍNDICE

Neste caderno, Caymmi (foto) é o grande assunto, tratado pelo repórter Sylvio Lamenha (página 6).

A Equipe redigiu notas para VOCÊ (página 3), informando coisas de seu interesse:

- arte negra americana
- um pensador contestacionário
- nosso ar poluído
- um pouco de cinema
- um poeta esquecido
- a cantora que vai ser sucesso. . .

Para a mulher, há mil bossas e novidades (página 2), sugerindo elegância e prazer de verão.







Comunicação, por exemplo, de que todo mundo fala, era dar o recado. A maioria dos sucessos da época era nascida nos teatros-revista, através de suas estrelas (Aracy Côrtes, por exemplo). Se pegasse, ninguém segurava mais aquela música. Houve casos singulares, porém: Aquarela do Brasil, lançada no palco por Aracy Côrtes, não aconteceu. Só iria estourar quando da gravação em disco Odeon por Francisco Alves, de cujo corinho participavam duas vozes femininas agudas, Dalva de Oliveira e Stella Maris, que iria ser a sra. Dorival Caymmi.

Vejam Ary Barroso: a maioria de seus sambas de efeito (exaltação ou histórico, como Aquarela do Brasil e Terra Sêca) nos faz visualizar um palco de teatro-revista. Assim, o famoso refrão de Terra Sêca: "Trabalha, trabalha, nego...", nos lembra uma cena da escravidão transposta para um palco. Da Aquarela, Abre a cortina do passado. Também Custódio Mesquita: Promessa (parceria com Ewaldo Ruy, o grande e saudoso irmão de Haroldo Barbosa, letrista de primeiro time). Ou Vicente Paiva de Olhos verdes e de Ave-maria. O caso deste último sucesso é digno de lembrar: o maestro Vicente a compusera para uma de suas revistas. Era um quadro singelo, com uma igreja montada no meio do palco, em cujo adro um grupo de moças entoava, à meia-voz, um contracanto. Pois bem. Chico Alves aprendeu, e chegou a cantar na Rádio Nacional. Mas não quis gravar.

Dalva de Oliveira então pede a música ao maestro, transpõe o contracanto à mezza-voce para uma oitava acima, para o seu registro de soprano, enfim (e é o ponto alto da música), grava e estoura aquele sucesso. O saudoso Chico Viola ficou fulo ao constatar a mancada que dera.

#### O AUTOR, O AUTOR

Na estréia da Urca, Caymmi ficou com seu violão acompanhando a estrelíssima Carmen. Ao acabar o número, o público, pela primeira vez naquela casa de espetáculos que marcou época (lá se apresentaram os maiores cartazes do show-business internacional, como Bing Crosby, Tito Guizar, Josephine Baker, Chucho Martinez Gil, Pedro Vargas, Xavier Cugat, Jean Sablon) exigiu a presença do autor da música. O bom baiano encabulou, e foi a custo que alguns amigos, como o conterrâneo Sílvio Peixoto, que está aí mesmo para confirmar tudo isso, o empurraram para as luzes, para a ovação retumbante. Caymmi faz então uma pausa de saudade com Carmen:

Era uma artista esfuizante. Num palco, com aqueles olhos, com aquele jogo de braços e de mãos, praticamente magnetizava o público. E era, sobretudo, muito mulher... Mas dentro de um ângulo crítico, temos que considerar o seguinte: tanto Carmen como Dalva, Odette Amaral e tantas mais, nasceram de Aracy Côrtes, algumas explorando até o buliçoso do corpo, o balanço em cena, como Carmen, outras, preferindo cultivar os agudos e falsetes, como Dalva e Odette, realmente possuidoras de uma extensão vocal invejável. Recorda, então:

Carmen, com todo o magnetismo e esfuizância que Deus lhe deu, não podia ir nas águas de sopranos como Aracy, Dalva e Odette. Resultado: gravou "Adeus, batucada", onde faz uns trinados (vocalises) em "a-a-adeus", e "madruga-a-da", sendo satirizada em palco pela própria Aracy Côrtes, que repetia a música com muito maior brilhantismo vocal, digamos assim, sobretudo quando sabia que Carmen estava na platéia. Aracy, no fundo, não se conformava que sua estrela tivesse ficado em segundo plano, já que Carmen era a estrela de rádio absoluta da época.

#### EU & NOEL

Já houve quem tentasse fazer uma comparação entre o sentido e/ou a contribuição de música de Noel e de Caymmi. Fala Caymmi:

# CAYMMI NO JÔGO DA VERDADE DA MPB

Em princípios de 38, o rádio brasileiro tinha dois ídolos, Carmen Miranda e Francisco Alves (Chico Viola). O futuro "Trio de Ouro" ainda era anunciado como "Dalva de Oliveira & Dupla Preto & Branco", os regionais de Benedito Lacerda e Pixinguinha ("Diabos do Céu", o deste último) eram o quente em matéria de acompanhamento em shows e em discos, Haroldo Lobo começava a fazer sucesso em carnaval, tirando o cetro a Lamartine Babo, Orlando Silva atingia ao auge de sua carreira, estreavam Emilinha Borba e Linda Baptista, Odette Amaral era a rainha da rádio Cruzeiro do Sul, César Ladeira, o maior locutor de então, criando slogans para os artistas: Odette Amaral, a voz tropical; Dircinha Baptista, a força revolucionária da mpb; Trio de Ouro (Dalva & Dupla); Orlando Silva, o cantor das multidões.

No meio de todos esses cobras surge um bom baiano de jeito manso, mas consciente do recado que tinha a dar, com pouco tutu nos bolsos e um violão nas mãos, falando de lagoas negras arredoadas de areias brancas, de noites de temporal à beira-mar, de lugares paradisíacos como Itapuã, de pescadores fazendo promessas a Yemanjá, a rainha do mar, a senhora que é das águas; dos segredos da baiana, seu dengue, seu feitiço, de velhos sobrados de uma velha capital. Sua ascensão foi meteórica no cenário da MPB, diríamos única: a anônimo de maio de 38 era um nome nacional em setembro do mesmo ano. Já gravava na Odeon, e se apresentava nos maiores cassinos da época, como o da Urca, ao lado do maior cartaz do show-business tropical, Carmen Miranda (com quem gravou "O que é que a baiana tem" e "Preta do acarajé"). Hoje, cabeça branca (cabelos côr-de-prata, diria o seresteiro), Caymmi faz um balanço de todo esse mundo artístico de que ele foi (é) expoente e observador lúcido dos bastidores, fornecendo inestimável subsídio para uma história da mpb como ela foi, realmente, fora das luzes efêmeras do sucesso e das vaidades exaltadas e distorcidas pelo fã-clubismo e por um tipo de jornalismo menor e louvaminho, tão falso quanto as propagandas virtudes e grandezas de seus ídolos, como todos, de pés de barro, também.



Não cheguei a conhecer Noel pessoalmente, pois ele morreu um ano antes de eu chegar ao Rio. Mas que obra o poeta da vila não deixou! Não gosto, porém, disso de fazer confrontos entre meu recado e o dos outros. Acho que cada um de seu, ao seu modo. Assim, já disse um crítico que o autor de "Feitiço da vila" era essencialmente um compositor urbano, ao passo que a minha obra é mais arrancada da natureza, do desafio e do mistério do mar e de recantos obscuros, fora do bulício urbano. Um amigo filósofo, também repórter e cronista de mão cheia, considera que Noel é mais circunstancial, mais preso aos fatos, enquanto eu sou mais essencial, fico mais na raiz das coisas, menos episódico, enfim. Mas a MPB jamais vai deixar se apagar a página escrita pelo poeta da vila.

#### BRONCAS

O bom Caymmi não é de fofocas e de intrigas de bastidores, mas na hora em que acha que a barra engrossou demais, a um ponto que sua calma e sua lucidez não possam mais suportar, ele engrossa também. Foi assim com a quase vitaliciedade de Herivelto Martins na presidência da SBACEM:

Caymmi aguentou firme o heriveltoismo uns 10 anos. Quando de mais uma pretendida reeleição, Caymmi bronqueou: chamou um grupo e disse o que achava do duvalierismo (Haiti) de Herivelto à frente dos destinos da sociedade arrecadadora de direitos autorais a que pertence. Resultado: o autor de Ave-maria no morro perdeu a parada, tendo, com o choque, um distúrbio circulatório, indo internar-se num hospital na serra (Petrópolis ou Teresópolis). Mas Caymmi, se não o tem como amigo, respeita-lhe o talento, e recorda que foi Herivelto quem lhe emprestou a casa na então ilha do Governador para ele e Stella lá passarem a sua lua de mel



(eram três casas juntas, uma de Herivelto, as duas outras, de Russo do Pandeiro e de Benedito Lacerda), e que o Trio de Ouro, em certo período (39 a 44) praticamente só cantava músicas do seu repertório e do de Herivelto, mentor do conjunto, tendo lançado mesmo músicas como "Dora", ou regravação "Preta do acarajé" e "Noite do temporal" (manda Caymmi que se compare a brejeirice a a malícia de Carmen no pregão da preta do acarajé, e o lirismo e extensão vocal de Dalva no Trio). Revela Caymmi:

Herivelto tinha um medo danado que eu lançasse as músicas, fazendo que Dalva interviesse junto a mim para a primeira audição ser do Trio. Eu dizia: venham ensaiar comigo a música, vocês podem gravar depois. Eu nunca lá fiz questão de gravar em primeiro lugar. Mas mau caráter, mesmo, com M C maiúsculos, é Oswaldo Santiago, sendo que o seu retrato pintado por Nestor de Holanda em "Memórias do café Nice" ainda é uma pálida reprodução do retratado. Fêz um patrimônio imobiliário (cadeia de apartamentos na zona sul) tirado aos outros compositores da sociedade arrecadadora de que era, muito sintomaticamente, tesoureiro. Vem aí o DESENCANTO COM DIREITO AUTORMAL.

É um caso de polícia, sim, confirma Caymmi. Na verdade, compositores como Caymmi, João de Barro, Herivelto, Ataulfo, Haroldo Lobo, Ary Barroso, Lamartine Babo, eram para viver (ter vivido), bem e exclusivamente, com os direitos autorais de suas músicas. No entanto o apartamento de cobertura de Caymmi, seu bem material maior, só foi comprado com os dólares dos shows que fez no programa Andy Williams, nos Estados Unidos (num dos quais se apresentou ao lado de Maureen O'Hara e Tom Jobim). Confirma então Caymmi o que João Gilberto dissera desse show: que Jobim foi elogiar os olhos de La O'Hara cara a cara, e a bela não gostou. O cobertura, aliás, foi comprado graças a José Luis Ferraz, que disse, quando do retorno do cantor/compositor: "Caymmi, porque não aplica logo esses dólares?" Mas não foi tanto assim, pois, para pagar a última prestação do apartamento, tive que me desfazer de outro menor que eu tinha, também em Copacabana. O governo da Bahia deu-lhe a casa em reforma à Pedra da Sereia (Ondina), que contou com a ajuda de Baby Pignatari, velho amigo e fã do artista (colaborou com o piso). Possui ainda um sítio em Maracangalha, imortalizado no sucesso retumbante de 1956 (eu vou pra Maracangalha, eu vou...)

#### DICAS

Jamais gravou músicas de outros compositores, a não ser "Navio Negroiro", de J. Piedade e Alcyr Pires Vermelho (e outra mais, que nem Caymmi nem o repórter lembramos). Parceria, esporádica: o Jorge Amado de "É doce morrer no mar"; o Carlinhos Guinle do Chamado samba urbano de Caymmi.

Rejeitou uma vez, de um milionário/mecenas paulista, um terreno no Morumbi (hoje, super-valorizado). Argumento de Caymmi: para que, se eu nunca iria morar mesmo aqui? (Mas passou uma vez, inteiro, um ano na Paulicéia). Esse mesmo milionário que dava festas com a atração: venham ouvir logo mais Harry James, ou Chucho Martinez, ou Pedro Vargas, em minha mansão. E lá estavam, pagos a dólar, a orquestra e os cantores famosos.

Praça Onze é mais de Grande Otelo, do que de Herivelto. A grande dica é do Otelo, o famoso grito "Vão acabar com a praça Onze..."

Já cansou de ouvir o romancista Mário Palmério tocar velhas valsas ao piano. E não lhe dá grau 10, mas também não o reprova.

Na parceria de "Ninguém me ama", em vez de Fernando Lobo, devia constar o nome de Aldo Taranto, responsável pela música (Maria fez a letra). Fernando Lobo (de quem ele gosta pessoalmente, aliás, achando-o um imenso talento) não fez nada. Mas na parceria lá está: A. Maria - F. Lôbo.

Quanto à Academia Bahiana de Letras, nada pleiteei, tudo foi onda de amigos.

Na verdade, uma canção caymmiana ficará muito mais do que muito romance soporífero de muito medalhão.

TEXTO de SYLVIO LAMENHA